



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

A VARANDA DE FREI JERÓNIMO

No mosteiro da Costa, em Guimarães, que pertenceu aos monges de S. Jerónimo e foi Universidade no século XVI, existe uma varanda ideal, armada na face sul do edifício, fronteira da serra, onde a voz religiosa da água acompanha a passo e passo o caminho do tempo, brotando contínua e melancolicamente, e os cravos tecem uma atmosfera de enlêvo.

Nada mais simples do que a traça dêsse trecho excepcional de arquitectura. Contudo, nada mais difícil do que a transposição literária dessa mesma e adorável simplicidade.

Construção sóbria e elegantemente armada à portugêsa, data do priorado de Frei Jerónimo dos Anjos, iniciado em 1682; e esta rara manifestação de idealismo artístico, porventura sugestionante como uma bela mulher, vingou construír-se, após aturado combate com a comunidade, mercê da inteligência e espírito de perseverança do seu para sempre louvado e egrégio fundador. Clamavam os filhos de S. Jerónimo que mister era que se continuasse, com o espaço destinado à varanda, o dormitório do mosteiro, atento ser já diminuto o número das celas. Objectava o Prior que os rendimentos da Ordem não permitiam, ali, o aumento da Congregação.

Delineou-se a obra e o trabalho começou. Seria a varanda um aposento quadrilátero, com três ângulos armados em colunas, e um outro — a fechar a parte interna do edifício — singelamente erguido em parede.

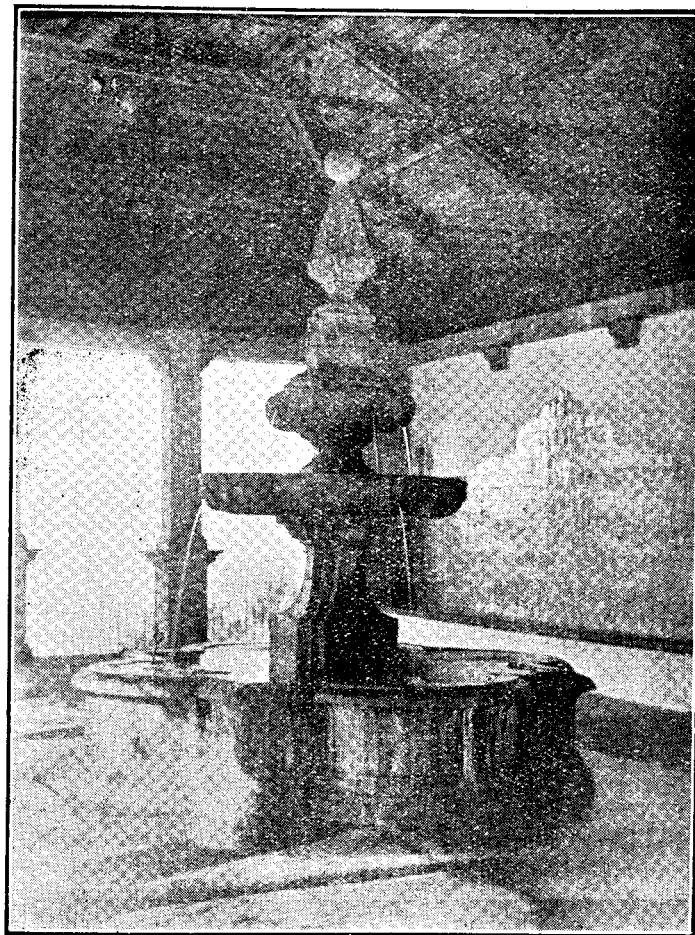
Primeiro que tudo, tornou-se indispensável construir, dentro daquele sossegado recanto do pomar, um caixotão, digamos, de cantaria maciça, tendente a dar à varanda do projecto de Frei Jerónimo dos Anjos o mesmo plano das sacadas que, voltadas para o adro

da aldeia, decoravam tôda a fachada principal do mosteiro.

Assim se fêz; e após a construção de uma ligeira escadaria rústica, aberta a norte, para serviço da cêrca, entraram de erguer-se lá em cima, sôbre a moldura circundante do pavimento, ainda então não totalmente lajeado, uma a uma, as colunas de um doce Renascimento português, tôdas elegantes na quadratura dos ângulos e em que os ornatos, de singelo tipo geométrico, afinavam um sentimento proporcionalmente estranho na arte de decorar. Em seguida, para suspender em redor a barra encorpada e sem ornatos do entablamento, desfolharam-se um tanto as réguas superiores das colunas, produzindo-se em suporte artístico um capitel harmonioso e seguro. E eis que sôbre isto — desempenado, airoso, elegante — se erguem por fim as quatro águas do telhado, fechando, com o aposento vastíssimo da varanda, o sonho delicado de Frei Jerónimo dos Anjos, falecido adiante, em 28 de Abril de 1708, e por memória de quem as abelhas que costumam perfumar-se no laranjal fronteiro haviam de ficar eternamente cantando...

Frei Diogo Brandão — aliás de Santa Maria — que sucedeu a Frei Jerónimo no priorado do mosteiro, amou esta varanda solheira em tôda a espiritualidade do seu repouso, a riqueza de oiro do seu pomar e o encanto incomparável dos seus panoramas de serra e vale. E porque era, sob o hábito de monge, um rico temperamento de artista, delineou para a varanda, com garantia das belezas naturais que a cercavam, vestido de gala que lhe ficasse bem e mais formosa a tornasse.

Foi êste Prior quem ergueu, sob a barrotada do alto, o amplo tecto de carvalho, em maceirão, discretamente ornado de molduras. Deve-se-lhe, ou devemos-lhe todos os que amamos as coisas belas, o lajeamento completo do adorável local, elemento da construção destinado a sustentar a obra prima da Varanda de Frei Jerónimo. E nisto quero eu referir-me ao grande tanque central da varanda, de tipo D. João V, a alma de divina harmonia que, com as suas oito bicas, abrindo de bem gomadas estilizações de flora, jorra da



VARANDA DE FREI JERÓNIMO
(CONVENTO DA COSTA)

grande urna cimeira e de remate piramidal à concha boleada e ampla de uma taça, e cai por fim, em toada religiosa, na abastança tam elegante como equilibrada do hexágono do tanque.

Frei Jerónimo dos Anjos criara à varanda o corpo belo; Frei Diogo Brandão dera-lhe a alma impoluta.

Mas, como não considerasse bastante o número dos seus serviços, Frei Diogo Brandão, que com tanta canseira trouxera a água à varanda e a ouvia agora descer, musical e adormecedora, na interminável conta dos dias, pensou ainda que junto de tam agradável retiro, o mais freqüentado do edifício, deveria ficar memória que ilustrasse as glórias do mosteiro de S. Jerónimo — memória que as águas exaltassem, como um velho hino sagrado.

E criou-se então o último dos encantos desta obra singular. Na larga parede de ângulo que isolava a varanda da parte habitada do edifício e a meio da qual se abriu, em proporção excelente, a portada iluminadora de um corredor ladeado pelas duas grandes ordens de celas — nas duas paredes laterais da portada montaram-se, em azulejo provavelmente coimbrão, dois elegantíssimos *panneaux* de carácter setecentista, pintados a azul sôbre fundo lácteo.

Como que os erguem e mostram, em regosijo, os dois braços ocultos da portada regular de molduras e afoitamente aberta da cimalha ao pavimento.

Mas nem só à guisa de pregão faustoso parece terem sido montados os primorosos azulejos. Também as bancadas de granito, que entestam com cada um dos dois panos laterais de parede, necessitavam, na sua construção de grande escabelo, de um recôsto ou espaldar sobejamente galhardo, no descanso do qual fôsse grato ouvir ali as teorias primaveris da água, de olhar longamente perdido nas paisagens. E esta tem visos de ser a mais exacta, sem deixar de ser a mais epicúrica origem da colocação dos *panneaux*.

Configura o da direita, dentro de um *encadrement* decorado com trechos de arquitectura, elegantes festões de frutos e flores, e bambinos apregoando por trombetas a fama do grande sucesso, nada menos do que a chegada ao mosteiro, para o curso universitário, dos infantes D. Duarte e D. António, Prior do Cra-

to ⁽¹⁾. Êste facto, que se deu nos meados do século XVI, é todavia indicado pelo decorador com costumes do último quartel do século XVII, sendo o desenho, com excepção dos cavalos do cortejo, em geral bem lançado e agradável.

Representa o *panneau* da esquerda, dentro da mesmíssima, embora sempre interessante, decoração envolvente, o recebimento solene, na sala capitular, dos infantes, pela comunidade, presidindo ao acto, segundo a indicação do azulejador, o ainda lembrado Frei Jerónimo dos Anjos.

E assim ficou a varanda completa, sendo rara de encantos, entre tantas do género, que conhecemos no país.

Ora eu queria viver ali; desejava descansar em meio daquela maravilha de graça, já não digo o corpo, mas a inconstância do meu espírito, escravo a uma finalidade melancólica como poucas.

Pelos dias de sol tranqüilo, junto dos craveiros que ornamentam as grades, que entre si ligam, com singeleza discreta, as lindas colunas renascentistas, seria um amplo prazer à alma ir percorrendo, desde a mancha confusa de verduras da mata dos Jerónimos, a paisagem que se eleva em frente até ao planalto da serra de Santa Catarina e dali declina, em gostosa viagem, a ondular por sôbre todos os longos montes que, como na augusta situação da cidade romana, por sete arvorecidas alturas, rondam e defendem o vale ajardinado de Guimarães.

Nessas horas de silêncio e calma, ao côro conventual da água e movendo-se sob a alegria esplendorosa do sol, não seria ilusão visual o distinguir, na sinceridade da mesma vida que antes e estranhadamente tinham vivido, tôdas as singulares figuras, que no decurso de dois séculos humanamente ilustraram o cenário original dessa varanda.

Voltaria a encontrar-se aquele curioso Frei Baltasar de S. Tomás — «mais conhecido pelo diminutivo

⁽¹⁾ O A. não se responsabiliza por esta afirmação que os azulejos e uma inscrição pretendem garantir.

de Baltasarinho» — filósofo e poeta, coxo e hidrocéfalo, cuja poesia em verso heróico e de pronunciada ênfase gongórica o obrigava a exagerar, nos recitativos constantes, o aspecto caricatural da sua figura tôska e meã. E junto dêste, Frei José de S. Paio — «grande companheiro do padre aeima» — doido igualmente e de uma tam extraordinária alegria e megalomanismo — nas folias que representava com o seu companheiro e nas largas ofertas de oiro e prata que fazia aos santos — que era freqüente ouvi-lo afirmar, àcêrca da hora da sua morte, que «havia de haver (em sua honra) repiques de sinos e gaita de foles», o que de verdade succedeu, por festejarem nessa tarde Santa Luzia os criados do mosteiro.

E quando o sol mais subisse, cantando, admirar-se-ia, debruçado das grades para a ladeira da prêsa, vermelhaço e quási quadrado de carnes, no sacco sôlto do tunique, aquele habilíssimo Frei Dâmaso das Chagas — «grande tangedor de corneta» — o qual, apertando contra a bôca em ôvo a tuba sonora e congestionando com entusiasmo as bochechas, lograva fazer ouvir ao ermitão da serra os seus estridentes avisos de batalha.

Madrugando, quando a água rezasse, Frei Nuno da Rocha — aliás dos Santos — ressurgiria, estranho, como a própria alma do mosteiro. Alto, à maneira de uma sombra, pois «a sua estatura propendia mais para alta que para baixa, cercilho bem povoado de cabelo mais preto do que branco, a côr do rosto branca desmaiada, sobranceiras grossas e carregadas, olhos pretos», êste monge pernalta e com o hábito «sempre esfrangalhado», incansável na varanda como nos caminhos, quando saía à prêgação, passearia longamente, reflectidamente, a examinar-se da consciência e meditando, ao lento chorar do tanque, a filosofia de que era leitor excelente.

Soariam depois as gargalhadas saúdáveis do Padre Frei Miguel, entrando e recostando-se no espaldar azulejado das bancadas alegóricas, como monge que, sôbre ser organista de mérito, «logrou sempre humor de rapaz, podendo-se-lhe aplicar com propriedade o *Puer centum annorum* de Isaías».

E surgiria, passando as contas, o santo Frei Fran-

cisco de Lacerda, velho de uma saúde muda de criança, com o capelo sempre caído para os olhos, e por quem os mendigos, na portaria, gostavam de ser tocados, beijando-lhe com devoção o hábito.

E passariam mais — quantos mais! — uns hidrópicos, alargando as correias, outros esguios, caricaturando ciprestalmente a fauna, e entre êles aquele monge conhecido pelo «dos cravos vermelhos», que estufava de oiro as imagens, e êsse outro, pitoresco, de nome Frei João Baptista, a quem uma noite, pelas necessidades da neve que cobria a serra vizinha, morreram, asfixiados pelas brasas de um fogareiro de barro, todos os pintassilgos que engaiolava na cela.

Deliciosas seriam essas horas!

Com o montesinho correr da água, no tanque, não só se ressuscitava uma antiguidade singular, mas lograr-se-ia também, com o impulso ilimitado da imaginação, um agradável sonho de futuro — para o que todo êsse iluminado ambiente concorreria com o seu imenso espírito de beleza tranqüila.

Assim Deus tenha no Céu, e a ilumine, a alma de Frei Jerónimo dos Anjos!

ALFREDO GUIMARÃES.